

forma que os estabelecimentos de ensino desta cidade da Estremadura oestina cumpram uma vocação maior, a de serem também centros de produção e divulgação cultural e científica.

Neste livro de Vitória Baltazar Antunes, o quarto volume dessa coleção monográfica, com ilustração de José António Sanina, também docente do mesmo estabelecimento de ensino, merece especial relevo a valorosa intenção de divulgar junto do grande público um dos elementos essenciais da longa estruturação cultural de uma identidade local que, como em vários casos, se organiza em torno de referenciais figuras de santos.

FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coord.)

*Vozes da vida religiosa feminina. Experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI).*

Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa – UCP, 2015. 198 p. ISBN: 978-972-8361-61-7.

M A R I A D E L U R D E S C O R R E I A F E R N A N D E S

Universidade do Porto-CITCEM; CEHR-UCP

Esta obra coletiva, resultante de umas jornadas de estudo promovidas pela linha de investigação “Formas de vida religiosa, identidades e pertenças” do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), visou não só realçar a importância do estudo e compreensão do papel desempenhado pelas mulheres na construção da sociedade e da vida religiosa, como também, de modo particular, conhecer melhor o que elas têm dito de si próprias, “em vários contextos de vida religiosa e espiritual, consagrada ou laical” (p.8). Deste modo, os coordenadores assumiram um propósito claro de promover esse conhecimento através do recurso a testemunhos, perspetivas e interpretações que as mulheres foram construindo de si próprias e do seu contexto religioso ao longo dos séculos, procurando devolver-lhes uma voz que na historiografia religiosa poucas vezes se “ouve” e rompendo com a sua frequente ausência, “tanto por razões historiográficas como por razões propriamente históricas”. E embora a problemática específica da vida religiosa feminina conte já, nas últimas décadas, com grande número de estudos, “estes tendem a centrar-se no tópico da santidade e nas representações da mulher” que, por sua vez, são devedoras de “representações de homens ligados à instituição eclesial” (ibid.).

Não era tarefa fácil, para os participantes, corresponder cabalmente ao propósito dos organizadores, não só porque o desafio era (e é) exigente – as fontes escasseiam e o tema é particularmente complexo, tocando dimensões fortemente subjetivas ou práticas de difícil objetivação –, como também facilmente esbarra em alguns “pré-conceitos” e em barreiras historiográficas e metodológicas de complexa desmontagem. Além disso, o desafio cobre temáticas e casos enquadrados num arco temporal que vai de finais do século XV aos inícios do século XXI e pressupõe várias perspetivas e contextos que, obviamente, realçam a complexidade do problema.

Antecedem esses estudos dois textos de enquadramento geral – que os editores definiram como “pórtico de entrada para a leitura dos restantes” –, um da autoria de Ivone Leal †,

---

anteriormente publicado no *Dicionário de História Religiosa de Portugal* na entrada *Mulher* (a sua republicação na abertura desta obra pretende ter um valor simbólico de homenagem); outro de Zulmira Santos, intitulado “Escrita conventual feminina: um ‘arquipélago submerso’” (p.23-29), em que a autora, retomando o título de um artigo de Elizabeta Graziozi publicado em 2005 e articulando-o com outros estudos, sobretudo italianos, sobre a escrita feminina de âmbito monástico, sumariza e realça alguns dos possíveis motivos ou razões dessa escrita ou da sua ausência.

Como atrás se sugeriu, a variedade de abordagens, de casos e de contextos é marca dominante desta obra, que cobre múltiplas dimensões da vida religiosa e espiritual feminina.

Exemplificam-nas as práticas de leitura e de produção literária – como mostraram dois estudos de caso, um de Antónia Fialho Conde sobre “Expressões de religiosidade e misticismo no Jardim Fresco e Ameno de S. Bento de Cástris” (p.91-106) e outro de Fernanda Campos sobre “Vidas exemplares femininas nas leituras do convento de Santo Alberto (século XVIII)” (p.107-124); ambas as autoras procuram, de modos distintos em função das respetivas fontes e metodologia, entrar no universo das leituras femininas, considerando também as suas limitações e orientações, enquadradas em contextos religiosos e momentos históricos diferenciados. No caso de S. Bento de Cástris, merece especial realce o rico núcleo de livros de coro (antifonários, feriais, graduais e outros) e, no convento de S. Alberto, as obras hagiográficas e vidas exemplares femininas, estudadas a partir das marcas de posse que identificam as suas possuidoras/leitoras.

Exemplificam-nas também as “estratégias discursivas de algumas monjas e leigas”, como o mostram alguns estudos – como é o caso de Gilberto Coralejo Moiteiro sobre “Texto e experiência religiosa feminina. Estratégias discursivas hagiográficas no seio da observância dominicana portuguesa” (p.31-62), em que, através da releitura e interpretação da *Crónica da Fundação do Convento de Jesus de Aveiro* (entre 1513-1525), revisitou a história da fundação deste convento e das suas relações com o Convento do Salvador de Lisboa, os significados e alcance do ingresso nele da Infanta D. Joana, o seu desenvolvimento e afirmação, a função exemplar dos relatos nela contidos, principalmente para guia de noviças e professoras. Por isso a sua análise incidiu sobre as estratégias enunciativas da *Crónica*, valorizando de modo especial as “passagens em que a autora assume a primeira pessoa” (p.37) e evidenciando as marcas discursivas e recursos retóricos que traduzem os objetivos e finalidades hagiográficas, educativas e didáticas do texto. É também o caso, ainda que bem distinto, de um sermão saído de mão feminina, analisado por Isabel Morujão no artigo sobre “Uma tipologia de quase silêncio – Um sermão de clarissa: texto e contexto” (p.63-89). A autora analisa e edita o *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de N. Sr<sup>a</sup> da Esperança desta cidade de Lisboa no ano de 1699*, a partir de uma cópia manuscrita anónima da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Através de uma cuidada e sugestiva análise textual e discursiva, Isabel Morujão propõe a atribuição deste sermão a Soror Maria do Céu, estabelecendo aproximações discursivas a outros textos desta autora e fundando-se na sua “maturidade, alguma ousadia, a *authoritas*”.

Exemplificam-no ainda vivências espirituais e místicas, como o que apresenta Joana Serrado no seu estudo sobre *Joana de Jesus (1617-1681): ânsias amorosas e leituras bíblicas* (p.49-62). Partindo de alguns estudos anteriores, a autora socorre-se essencialmente de um

texto autobiográfico em que esta monja cisterciense, sob a direção espiritual, nas “Descalças Bernardas” de Lisboa, de D. Vivardo de Vasconcelos, seu confessor e abade geral da Ordem de Cister, e, mais tarde em Lervão, de Fr. António da Conceição, narra a sua vida espiritual, as suas visões, ânsias e estados místicos. Trata-se de um caso muito representativo de um conjunto de vários que no século XVII, pela via da autobiografia – neste caso uns “Apontamentos” – a mando dos confessores, registaram experiências espirituais e vivências místicas que, ainda que com recurso a fontes religiosas e espirituais ortodoxas, nem sempre escaparam a suspeitas de Molinosismo.

Exemplificam-no, finalmente, os ímpetus fundacionais de recolhimentos e conventos, mesmo em tempos de grande controlo político e institucional, como o mostra o caso estudado por Maria Luísa Jacquinet em “Vozes femininas na génese de institutos regulares: Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821) e o Mosteiro de Vila Pouca da Beira” (p.125-138), em que a autora pretendeu mostrar como itinerário espiritual desta devota e os destinos do mosteiro do Desagravo do Santíssimo Sacramento se encontram “fortemente entretrecidos pela conjuntura moral e política do reino” em que emergiu a Jacobeia e que propiciaram a esta devota, além de “iniciativas que, de *motu proprio*, empreendeu”, outras “missões de que se viu investida”, mas sempre “dirigida, controlada e vigiada”, o que também lhe garantiu o “necessário amparo a consecução das causas empreendidas” (p.138).

Exemplificam-no ainda, em certa medida, expressões poéticas e musicais pouco usuais neste tipo de estudos – como sucede no fado, estudado por Cátia Tuna, em “O *Fatum* feminino: destino e redenção na ‘Época de ouro do Fado’” [décadas de 1930, 1940, 1950] (p.139-170), em que a autora, recorrendo a um conjunto de “letras cantadas por mulheres fadistas, sendo a mais antiga de 1929 e a mais recente de 1966”, enfatiza o uso da voz enquanto expressão da “interioridade feminina” em que “o sagrado é figurado como imposição a-misericórdiosa de um determinado destino social” (p.170).

Finalmente, Paula Borges Santos encerra com um estudo simultaneamente diacrónico e temático sobre “Aspetos do discurso religioso de Maria de Lourdes Pintasilgo (1968-2004): a experiência da fé e o papel das mulheres no cristianismo” (p.171-184), em que analisa a evolução do discurso e a atividade de âmbito religioso e espiritual desta importante figura feminina do século XX e inícios do século XXI.

Como o revela o conjunto de estudos, a diversidade de abordagens e a novidade de algumas perspetivas, aliadas a pistas para trabalhos futuros – a que, contudo, não faltará certamente a dicotomia voz/silêncio –, constituem alguns dos aspetos mais ricos e de maior interesse historiográfico desta obra, ponto de passagem necessário a abordagens futuras da problemática que a motivou.